

Joe Sacco na Guerra da Bósnia: motivações de um idealista em busca da verdade jornalística¹

Djenane Arraes MOREIRA²
Universidade de Brasília, Brasília, DF

RESUMO

As reportagens em quadrinhos do jornalista estadunidense Joe Sacco caracterizam-se, entre outros aspectos, como um meio que dá voz a quem geralmente é solenciado durante uma guerra. Escolho as reportagens de Sacco na Guerra da Bósnia como *corpus* deste artigo para discutir que motivações levaram o jornalista a ir a uma área de conflito e a fazer tais escolhas. Estudar motivações é fundamental para se avaliar a qualidade e a transparência de uma reportagem. Utilizei como base teórica os autores Bill Kovach e Tom Rosenstiel. Observei que as reportagens dão indicações que Sacco busca a verdade jornalística ao mesmo tempo em que se mantém fiel a suas fontes.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Jornalismo em quadrinhos; Joe Sacco; Guerra da Bósnia.

1. INTRODUÇÃO

A indignação contra a postura midiática em proferir preconceitos, o vício pela guerra, a formação como jornalista na Universidade do Oregon e a experiência como quadrinista foram elementos que levaram Joe Sacco a desenvolver o jornalismo em quadrinhos. Ao desenvolver o próprio estilo de reportagem, Joe Sacco não subverteu ou criou novos princípios e técnicas produzindo o jornalismo nos quadrinhos. Mas aplicou e adaptou vários deles para tal, como o uso de uma narrativa testemunhal usada por grandes nomes da história do jornalismo, como os estadunidenses John Reed e Tom Wolfe, no Novo Jornalismo³, além do linguajar coloquial e por vezes vulgar, como o usado pelo jornalista estadunidense Lester Bangs.

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

² Mestranda do Programa de Pós-Graduação da FAC – UnB. Email: djenanearraes@gmail.com

³ Entende-se por Novo Jornalismo o movimento que aconteceu nos Estados Unidos nos anos 1960 em que jornalistas como Truman Capote, Gay Talese e Tom Wolfe rompem com o jornalismo tradicional e adotam um estilo de reportagem com elementos do romance. São textos inicialmente publicados em revistas de grandes reportagens como a *The New Yorker*, que depois foram reeditadas em livros. A obra considerada inaugural no Novo Jornalismo é *Filme*, de Lillian Ross,

Ao levar a análise do trabalho de Joe Sacco dentro de méritos que dizem respeito à própria essência dos ideais jornalísticos, percebemos que as obras se aproximam dos ideais defendidos pelos jornalistas e teóricos estadunidenses Bill Kovach e Tom Rosenstiel⁴ (2014, p. 111). Para a dupla de pesquisadores, o jornalista precisa seguir os seguintes princípios na produção de uma reportagem de qualidade:

1. Nunca acrescentar o que não exista originalmente;
2. Nunca enganar o público;
3. Ser o mais transparente possível sobre seus métodos e motivos;
4. Confiar no seu instinto de reportagem;
5. Ter humildade.

Este artigo tem o objetivo de analisar as motivações que levaram Joe Sacco a fazer a reportagem sobre a Guerra da Bósnia, partindo dos princípios para uma reportagem de qualidade defendidos pelos teóricos Kovach & Rosentiel. Entendo que o estudo das motivações, além de ser um elemento fundamental sobre a transparência de uma reportagem, se faz pertinente para a prática do jornalismo atual. Passamos por uma época em que a imprensa nacional e internacional toma uma série de decisões editoriais que levantam a desconfiança do público mais atento. A venda de uma postura isenta na verdade passa a ser uma cortina de fumaça intencional criada para encobrir intenções que passam por interesses econômicos e políticos. O estudo das motivações é uma importante ferramenta para se compreender porque as notícias e reportagens são como são, e porque determinados discursos são adotados.

Para este artigo, uso como corpo de análise os livros-reportagens *Safe Area Gorazde* (2011), *Uma História de Sarajevo* (2005a) e *War's End* (2005b) que fazem parte do conjunto de reportagens realizado na Guerra da Bósnia. Faço uso também do livro *Derrotista* (2006), uma compilação de textos em quadrinhos ficcionais ou não que são

originalmente publicada na *The New Yorker* em 1952. O livro é uma grande-reportagem romanceada dos bastidores do filme *A Glória de um Covarde* (1951), de John Hurt, em que Lillian Ross se coloca dentro da história como uma testemunha privilegiada dos acontecimentos.

⁴ Bill Kovach foi editor-chefe da sucursal de Washington do jornal *New York Times*, editor do jornal *Atlanta Journal-Constitution* e contribuiu para jornais como *Washington Post* e *New Republic*. Também foi professor de jornalismo e curador do Nieman Fellowship, da universidade de Harvard. Na atualidade, ele ocupa uma cadeira no conselho da ICIJ – International Consortium of Investigative Journalists –, e trabalha na Faculdade de Jornalismo da Universidade de Missouri. Tom Rosentiel trabalhou com jornalismo político e crítico cultural pelos jornais *Los Angeles Times* e *Newsweek Magazine*. Foi um dos fundadores, ao lado de Kovach, do Committee of Concerned Journalism, além de fundador e diretor do Project for Excellence in Journalism. Atualmente é diretor-executivo do American Press Institute. Rosenstiel também é autor de diversos livros sobre jornalismo. Kovach e Rosenstiel escreveram em conjunto o livro *The elements of journalism: what newspeople should know and the public should expect*, que se tornou referência teórica importante nos cursos de jornalismo nos Estados Unidos.

entendidos como parte fundamental do desenvolvimento do jornalismo em quadrinhos praticado por Joe Sacco.

2. JOE SACCO

Sacco, pelo alcance midiático de seu trabalho, deu visibilidade não apenas ao jornalismo em quadrinhos, como também se tornou uma voz importante da imprensa alternativa. Ele foi um dos jornalistas ocidentais que usou um formato acessível e popular, os quadrinhos, para chamar atenção para os problemas enfrentados pelos palestinos em relação a ocupação e opressão israelense. Agiu em um momento em que a mídia hegemônica era favorável ao Estado de Israel e taxava os palestinos de terroristas.

É um jornalista que tem como característica contar histórias sobre a população civil em uma guerra: daquelas pessoas que costumam se tornar apenas um número estatístico no balanço de grandes conflitos e catástrofes humanitárias. Este é um recorte também adotado em algum momento por grandes jornalistas, como o estadunidense John Hersey, que narrou histórias de sobreviventes da bomba atômica em Hiroshima, Japão, na Segunda Guerra Mundial.

Guerras não envolvem apenas confrontos de soldados, fotografias poéticas de explosões com boa luz, e o debate político entre líderes. Parafraseando o próprio Joe Sacco: bombas fazem pessoas vivarem mingau, e é de extrema relevância que o repórter chame a atenção da sociedade para tal.

Joe Sacco é um viciado em guerra. Vou explicar isso melhor na sessão “Motivações” mais adiante. Mas diferente do que acontece com certos profissionais da imprensa, que dizem se viciar na tensão do *front*, o fascínio dele começou antes de ter a chance de pisar os pés numa zona de conflito. Provavelmente esse fascínio começou ouvindo histórias no seio familiar. Joe Sacco é filho de Carmen M. Sacco, nativa da ilha de Malta, que sobreviveu aos ataques dos países do Eixo durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Carmen tinha seis anos de idade quando as explosões começaram. Mesmo vivendo numa cidade em que escombros se tornaram parte da paisagem, foi à escola todos os dias e sobreviveu para tornar-se professora. A história da mãe de Sacco nestes anos de

resistência foi contada pela própria e ilustrada pelo filho⁵, nascido em 1960 na cidade de Kirkop, também em Malta.

Joe Sacco permaneceu em seu país natal tempo suficiente para testemunhar a conquista da autonomia do país em 1964. Mudou-se ainda criança para Melbourne, Austrália, e depois seguir em definitivo com a família para viver nos Estados Unidos, na cidade de Portland, Oregon, onde reside até o momento. Joe Sacco é naturalizado norte-americano. Quadrinista, Joe Sacco diz ser desde quando era criança. Jornalista, Sacco tornou-se em 1981, após a graduação na Universidade do Oregon. Trabalhou em redações de jornais, mas a profissão não o satisfazia. Abandonou momentaneamente o jornalismo para se dedicar aos quadrinhos.

No início dos anos 1990, Joe Sacco viajou ao Oriente Médio para entender as motivações e os problemas enfrentados pelos palestinos contra o Estado de Israel no período que ficou conhecido como a Primeira Intifada (1987-1993). O que ele planejou ser um livro de viagens, tornou-se uma vigorosa obra que uniu jornalismo e história em quadrinhos. *Palestina – Uma Nação Ocupada*, publicado em 1993 pela editora Fantagraphics Books, tornou-se um best-seller. Sacco ainda viajaria aos Bálcãs no período final da Guerra da Bósnia (1992-1995), que renderia grandes reportagens em três publicações: *Área de Segurança Gorazde* (2000), *Uma História de Sarajevo*, e *War's End*.

O jornalista retornou à Palestina em 2002, durante a Segunda Intifada (2000 – 2005), para fazer uma investigação dos eventos que levaram ao massacre de 275 palestinos por soldados israelenses em novembro de 1956, na cidade de Khan Younis. No mesmo novembro de 1956, houve uma intervenção militar na cidade de Rafah, também em Gaza, que também resultou em um massacre de civis em um número não determinado. A estimativa é de que mais de cem pessoas foram executadas. O resultado foi a reportagem *Notas Sobre Gaza* (2009), seu trabalho mais elogiado.

Sacco ainda lançaria *Journalism* (2012), coletânea de pequenas reportagens publicadas em diferentes órgãos de imprensa, seria ilustrador em *Days of Destruction Days of Revolt* (2012), de Chris Hedges, e faria uma adaptação de um painel ilustrado da batalha

⁵ Em 'Mais mulheres, mais crianças, mais rápido', quem narra é Carmen M. Sacco, mãe de Joe, sobre suas memórias em Malta entre 1935 e 1943, quando a ilha foi alvo de ataques das forças militares italianas e alemãs. São dez pequenos capítulos em 18 páginas de história em quadrinhos que Carmen mostra como era a rotina da família dela em anos de guerra, em especial quando a sirene dos bombardeios era acionada. Ela conta a rotina das famílias que passaram a morar juntas na medida em que as casas eram destruídas, da rotina dos abrigos, da falta de comida e produtos básicos, de como, pouco a pouco, a população de tornava refugiado em sua própria terra e que, mesmo assim, ainda tentava preservar uma ilusão de normalidade. 'Mais mulheres, mais crianças, mais rápido' é semelhante, de certa maneira, a *Maus*, de Art Spiegelman. Não que uma obra possa ser comparada a outra em termos de complexidade e valor literário, mas o que conta aqui é o fato de que Sacco foi diretamente influenciado por Spiegelman e que ambos possuem história de vida em comum: pais sobreviventes da Segunda Guerra Mundial.

de Somme, região que fica no norte da França, em 1916, durante a 1ª Guerra Mundial (1914 – 1918), de *The Great War* (2014).

3. SELEÇÃO DE OBRAS

Como *corpus* para análise das motivações de Joe Sacco, escolhi as reportagens resultantes de sua passagem na Bósnia entre setembro 1995 e fevereiro de 1996, período que marcou a assinatura do Acordo de Dayton que decretou o fim da Guerra da Bósnia. Entendo que o conjunto de tais obras representam a maturação do método jornalístico aplicado a uma narrativa em quadrinhos, e por essa razão ele se torna um material rico e consistente para a realização de tal pesquisa.

Safe Area Gorazde é a principal da série de livros-reportagens que Joe Sacco produziu sobre a Guerra da Bósnia. São 227 páginas divididas em 33 pequenos capítulos ou episódios, além de um epílogo e um prólogo. Por três anos, as forças sérvias promoveram um banho de sangue em pequenas cidades e vilas especialmente no Leste do país em prol da “limpeza étnica”. A ONU (Organização das Nações Unidas) criou uma faixa de segurança nesses locais, mas o deveria ser uma medida de proteção terminou por isolar ainda mais tais cidades e vilas. Gorazde foi a única cidade ao leste da Bósnia que conseguiu resistir e sobreviver às investidas das forças sérvias e ao isolamento. Escolho para a análise a edição especial desta obra, lançada em 2011, devido à disposição de um amplo material complementar de bastidores.

Uma História de Sarajevo é uma reportagem de narrativa não-linear cujo principal personagem é o *fixer* Neven, um homem que fez parte dos Boinas Verdes, um grupo paramilitar rebelde que ajudou na resistência ao cerco de Sarajevo feito pelas forças sérvias. *War's End* é uma reedição de duas reportagens publicadas de maneira avulsa. ‘Christmas With Karadzic’ foi publicada em 1997 na revista *Zero Zero* #15, que é uma antologia de quadrinhos alternativos editada pela Fantagraphics. ‘Soba!’ foi publicada em 1998 em formato de gibi pela Drawn & Quarterly.

Estabeleci como critérios para seleção para esta obra:

- **Relevância do autor na esfera acadêmica e editorial:** Joe Sacco é um jornalista influente e tornou-se uma referência na prática da reportagem em quadrinhos;

- **Relevância das obras:** *Área de Segurança Gorazde*, *Uma História de Sarajevo*, e *War's End* formam o conjunto sólido de reportagens que representa o amadurecimento de

Joe Sacco como jornalista e na aplicação de métodos na construção de uma narrativa jornalística em quadrinhos;

- **Guerra da Bósnia:** Guerra entre nacionalistas sérvio-bósnios contra mulçumanos e croatas, que representou o momento mais sangrento da fragmentação da antiga Iugoslávia, e originou a atual Bósnia e Herzegovina. A Guerra da Bósnia foi o evento que provocou o maior número de mortes na Europa desde a Segunda Guerra Mundial: cerca de 260 mil pessoas, e dois terços da população ficou desabrigada.

4. MOTIVAÇÕES DE JOE SACCO

Expor as motivações que levaram o jornalista a produzir a reportagem, segundo Kovach & Rosenstiel (2014, p. 115), são parte da transparência necessária na produção do bom jornalismo. Deixar claros os motivos é estabelecer quais são os interesses públicos que levaram o jornalista a produzir tal reportagem. Expor razões e até mesmo os preconceitos que o acompanham não são erros, mas uma forma de deixar a audiência mais segura ao julgar a validade das informações. Para os teóricos, esta é uma das chaves da credibilidade. O problema da reportagem, o erro e a mentira, está no fingimento da onisciência ou na arrogância em saber mais do que os outros. Aqui vamos identificar e analisar as razões que levaram Joe Sacco à prática do jornalismo de guerra como também suas escolhas ao produzir reportagens sobre o conflito na Bósnia.

Joe Sacco explicou de duas maneiras as motivações que o levaram até o Oriente Médio para observar uma guerra em andamento – no caso, os capítulos finais da primeira Intifada. Primeiramente, ele o fez usando a narrativa em quadrinhos em edição do gibi *Yahoo*, que produziu no final da década de 1980 e início de 90, que posteriormente teve as edições reunidas no livro *Derrotista* (2006).

A nona parte do livro em questão, intitulada ‘Como Amei a Guerra’, começa com ‘Espere’ – esquete de um único quadro dividido em três cenas narrativas: uma multidão de soldados indo para o *front*, um engarrafamento e Joe Sacco retratando a si próprio de cueca em cima da cama, com uma aparente lata de cerveja em mãos, enquanto assiste à primeira Guerra do Golfo. Ele esbraveja para a televisão: “Esse é o mesmo F-14 que decolou ontem! E anteontem! É imagem de arquivo!” (2006, p. 159). Ao longo do capítulo, Sacco expõe a própria paranóia em relação à guerra enquanto vive o cotidiano em Berlin, Alemanha, entre

negociações com empregadores, a vida em bares, o rompimento de uma relação amorosa, e a convivência com alguns palestinos.

Na página 182 de *Derrotista*, na esquete ‘Bem melhor, obrigado!!’, Sacco mostra a sua troca da relação amorosa pela relação com a guerra. Na página de dois quadros, o último e menor o mostra chegando em casa pendurando o casaco em um cabideiro de chão e olha para a televisão sintonizada na cobertura de guerra. Ele diz ao aparelho eletrônico: “Querida, cheguei!”



Figura 1 – SACCO, 2006, p. 182

Joe Sacco tinha boas razões para desconfiar da cobertura midiática àquela época. Olhando em retrospecto, a primeira Guerra do Golfo foi, também, resultado de uma campanha bem-sucedida de manipulação à imprensa feita pelo governo estadunidense. De acordo com o pesquisador e filósofo estadunidense Douglas Kellner (2000, p. 201), o governo de George W. Bush “Pai”⁶ (1989 – 1993) usou o jornal *Washington Post*, influente e conhecido por ser uma voz liberal, para disseminar falsas informações sobre um suposto plano de invasão do Iraque, até então governado pelo presidente Saddam Hussein (1979 – 2003), à Arábia Saudita.

A campanha pela desinformação começa quando o governo Bush planta uma informação ao jornalista Patrick Tyler, do jornal de orientação liberal *Washington Post*, sobre o resultado da conversa entre o embaixador norte-americano Joseph Wilson com Saddam Hussein. No encontro, o soberano iraquiano teria dito que não haveria negociação possível sobre a invasão à Arábia Saudita. O artigo foi publicado no dia 7 de agosto de 1990, mesma data em que o governo Bush enviou tropas a serem instaladas na Arábia Saudita. O tom favorável à ação militar no edital de um jornal de orientação liberal e, naquele momento histórico, oposicionista ao governo Bush, foi uma ação bem-sucedida que ajudou a moldar a opinião pública.

⁶ O uso da palavra “Pai” como referência a George W. Bush é usada pela imprensa nacional para distingui-lo do filho de mesmo nome, George W. Bush, que presidiu os Estados Unidos entre 2001 e 2009. A imprensa internacional costuma usar a palavra *senior* para se referir ao pai.

Tudo porque Tyler não seguiu um princípio que Kovach e Rosenstiel considerariam básico no trato da reportagem (2014, p. 132): “Nunca confie em releases oficiais ou de agências: se aproxime o máximo que puder das fontes primárias. Seja sistemático. Confirme.” Áudios posteriormente revelaram que, ao contrário, Hussein foi afável e aberto a diplomacia.

Após uma campanha bem-sucedida que começou usando o *Washington Post* e que se estendeu para a mídia majoritária estadunidense: ações que passam por controle rígido de informações, do controle do movimento de repórteres no front, e de manipulação da opinião pública especialmente pela propaganda, e do abafar das vozes opositoras, George Bush recebe em casa o apoio necessário para a guerra. Para Kellner, a cobertura televisiva que mostrava imagens de bombardeios precisos, das armas militares e das tropas, além da propaganda, da desinformação e até mesmo do uso do linguajar militar ajudaram a reverter de forma favorável ao governo uma opinião pública que no início era dividida e desconfiada sobre a necessidade de uma guerra em tempos que calmaria.

Uma pesquisa da *Times-Mirror* de 31 de janeiro de 1991 revelou que 78% do público acreditavam que os militares estavam basicamente dizendo a verdade, não escondendo nada inoportuno sobre a conduta de guerra, e provento toda informação que prudentemente poderia. Também na pesquisa, 72% achavam que a cobertura da imprensa era objetiva e 61% acharam que era correta na maior parte. Oito a cada dez disseram que a imprensa fez um excelente trabalho, e 50% disseram que se tornaram viciados assistindo TV e que não conseguiam parar de ver a cobertura de guerra. Dos adultos abaixo dos 30 anos, 58% se consideraram “viciados em cobertura de guerra” e 21% desses “viciados” disseram que eles estavam tendo problemas em se concentrar em seus empregos ou em fazer atividades normais, enquanto 18% disseram que estavam sofrendo de insônia. (KELLNER, 2000, p.215, tradução nossa⁷)

Joe Sacco tinha 29 anos quando começou a primeira Guerra do Golfo. Exceto por se enquadrar na minoria apontada em tal pesquisa que desacreditava na cobertura de guerra, e que possivelmente era contrário à própria guerra, o efeito viciante da cobertura o atingiu em cheio.

⁷ No original: A Times-Mirror survey of January 31, 1991, revealed that 78 percent of the public believed that the military was basically telling the truth, not hiding anything embarrassing about its conduct of the war, and providing all of the information it prudently could. Also in the survey 72 percent called the press coverage objective and 61 percent called it for the most part accurate. Eight out of ten said the press did an excellent job and 50 percent claimed to be addicted to TV watching and said that they could not stop watching coverage of the war. Adults under 30, 58 percent called themselves “war news addicts” and 21 percent of these “addicts” claimed that they were having trouble concentrating on their jobs or normal activities, while 18 percent said that they were suffering from insomnia.

No texto ‘Algumas reflexões sobre a Palestina’, escrito para a edição especial de *Palestina* (2011), datada em junho de 2007, Joe Sacco justifica a sua ida à região por causa da desconfiança que sentia em relação à honestidade da cobertura realizada pelos colegas jornalistas estadunidenses em relação à imagem negativa que era construída dos palestinos, vistos como “terroristas”. Sacco refutava tal visão não apenas pela simpatia despertada pelos colegas palestinos que fizera na Alemanha, mas também por ter recebido a influência de intelectuais de esquerda, tais como o jornalista americano Christopher Hitchens – que depois escreveria a introdução de *Área de Segurança Gorazde* –, o intelectual e ativista palestino Edward Said – que escreveria ‘Homenagem a Joe Sacco’, texto que abre a edição especial de *Palestina* –, e do linguista e filósofo estadunidense Noam Chomsky.

Mas a desconfiança em relação ao julgamento dos colegas de imprensa também não foi aleatória, nem mesmo um sentimento isolado. A desconfiança e até mesmo o ódio contra jornalistas é um fenômeno que se acentua em território estadunidense ao longo da década de 1990. De acordo com Kovach & Rosenstiel (2014, p. 3), pesquisas realizadas pela organização *Pew Research Center* mostram que em 1985, apenas 37% dos norte-americanos acreditavam na independência da imprensa. No final da década de 1990, 45% desse público considerava que a imprensa protegia a democracia.

O descrédito era identificado inclusive pelos próprios profissionais dentro das redações, que julgavam que os valores notícias haviam se deteriorado devido às influências e pressões comerciais e políticas dentro da empresa. “Noticiário estava se tornando entretenimento e notícias de entretenimento. Bônus dos jornalistas eram cada vez mais ligados à margem de lucro, não na qualidade do trabalho deles.” (Kovach & Rosenstiel, 2014, p.3, tradução nossa⁸) Era como se o jornalismo na década de 1990 estava perdendo o compromisso com os três principais propósitos segundo Kovach & Rosenstiel:

1. A primeira obrigação do jornalismo é com a verdade;
2. A primeira lealdade é com o cidadão;
3. Sua essência é a disciplina da verificação.

Kovach & Rosenstiel não citam Joe Sacco em momento algum no livro *The Elements of Journalism*, que é referência teórica principal deste capítulo. Não é certo dizer se os dois pesquisadores estadunidenses eram conhecidos de Joe Sacco à época que ele se incomodava profundamente com os preconceitos e erros de apuração dos colegas. Mas existe concordância entre eles, que fez os pesquisadores elaborarem um livro teórico que

⁸ No original: News was becoming entertainment, and entertainment News. Journalist’s bonuses were increasingly tied to profit margins, not to the quality of their work.

defende o resgate dos valores fundamentais da boa prática do jornalismo, e que levou Joe Sacco à fazer um jornalismo essencialmente testemunhal e, ao seu modo de ver, honesto.

Finalmente, as motivações que levaram Sacco à Bósnia também foi, sobretudo, o incômodo que sentiu em relação a cobertura dispensada pela imprensa ocidental na Bósnia, e com a comunidade internacional por tratar o cerco a cidade de Sarajevo como uma causa humanitária. Sacco elucida suas motivações no texto ‘Some reflections on Bosnia, Sarajevo, and Gorazde’, que integra a edição especial de *Safe Area Gorazde* – que não recebeu uma edição em português. No texto, o jornalista explica que passou a acompanhar ainda em Berlin as movimentações de secessão que aconteciam na então Iugoslávia: primeiro com a Eslovênia.

Contudo, só passou a ter o olhar mais interessado na crise daquela região quando a Bósnia passou lutar pela independência e Sarajevo, cidade que lhe era familiar por ter sediado as Olimpíadas de Inverno de 1984, passou a ser cercada e bombardeada pelas forças militares sérvias. Sacco disse que ficou seduzido pela perplexidade dos jornalistas ocidentais sobre o cerco a cidade mais cosmopolita da região, onde as diferentes etnias conseguiram conviver, diferente do que aconteceu no restante da Iugoslávia. Isso o motivou a se informar sobre a história da região.

Eu logo fiquei com raiva com a insistência da comunidade internacional em tratar a Bósnia como um caso humanitário, como se alimentar e vestir vítimas de guerra fosse o problema, e não a guerra em si. Os nacionalistas sérvios estavam se comportando monstruosamente, e eu pensei que um esforço genuíno – incluindo o uso da força, se necessário – deveria ser feito para pará-los. Eventualmente a necessidade de fazer alguma ação pessoal, de me impor construtivamente, tornou-se minha própria necessidade, e eu decidi ir para Sarajevo para reportar, eu mesmo, o que estava acontecendo. (Sacco, 2011, p. viii, tradução nossa⁹)

São motivações que faziam parte do discurso hegemônico entre os próprios jornalistas. De acordo com o pesquisador britânico Philip Hammond (2004), os argumentos sobre a necessidade da intervenção era a parte do debate onde se havia consenso. O como e por que fazer é que traziam vozes divergentes. A guerra de secessão nos Bálcãs no início da década de 1990 era uma discussão sobre a própria imagem do Ocidente em um período pós-

⁹ No original: I soon became angry at the international community’s insistence on treating Bosnia as a humanitarian case, as if feeding and clothing the victims of war was the issue and not the war itself. The Serb nationalists were behaving monstrously, and I thought a genuine effort – including using force, if necessary – should be done to stop them. Eventually, the need to take some sort of personal action, to impose myself constructively, became my own imperative, and I decided to go to Sarajevo to report on what was going on myself.

Guerra Fria. A imprensa estadunidense reduzia as complexidades históricas da região a uma relação em que croatas e bósnios eram vistos como aqueles que estavam prontos a se integrar ao mundo ocidental, ao passo que os sérvios eram a personificação do ranço totalitário comunista. Se na esfera governamental do ocidente, houve cautela nas ações, a imprensa, Joe Sacco inclusive, pediu ação militar¹⁰. Houve um momento que ele mesmo precisou fazer algo a respeito com as armas que tinha: narrar a história que se reconstruía diante dos próprios olhos e ouvidos.

Ainda no texto ‘Some reflections on Bosnia, Sarajevo, and Gorazde’, Sacco revela que foi a Gorazde seis semanas após chegar a Sarajevo – lembrando que ele ficou no país de setembro de 1995 a fevereiro de 1996¹¹. Disse que no primeiro momento a história de Gorazde narrada pelos colegas jornalistas lhe pareceu uma história do dia, mas que eventualmente foi movido pela curiosidade em conhecer a cidade que suportou três anos de isolamento e de cerco dos sérvios. Na introdução escrita por Christopher Hitchens em *Área de Segurança Gorazde*, ele falava que a cidade aparecia em 1992 em meio a histórias de terror contadas no bar do hotel *Holiday Inn* pelos colegas mais aventureiros. “De qualquer forma, o nome vagamente familiar designava um lugar muito mais ferrado que Sarajevo. Por isso, deveria ser investigado ou deixado de lado, dependendo da vontade ou do humor.” (Hitchens, 2011, p. v, tradução Sérgio Augusto Miranda¹²)

Nos quadrinhos, ele expressa suas motivações com argumentos mais afáveis. Ele e um colega de profissão vão a uma escola técnica em Gorazde a pedido de Edin para conversar com os alunos. Uma garota pergunta a razão de estarem na cidade. Joe Sacco responde em uma cena que toma as páginas 14 e 15.

¹⁰ Phillip Hammond faz uma série de questionamentos sobre a natureza dos julgamentos da imprensa que elegeu os bósnios como mocinhos/vítimas que precisavam ser ajudados e/ou salvos pelo ocidente. Ele também levanta questões sobre a propaganda contra os sérvios-bósnios articulada pelo então presidente da Bósnia, Alija Izetbegovic (1990 – 1996), com apoio do Mujihadeen – grupo internacional de ativistas pró-Islã –, em relacionar os sérvios com os nazistas. Hammond ainda informa que Izetbegovic propôs a instalação de um estado mulçumano na Bósnia, o que seria entranho à imagem cosmopolita da cidade. Tal ponderação é colocada também pela pesquisadora britânica Mary Kaldor (2001, p. 43): o SDA – Partido Nacionalista Mulçumano, de Izetbegovic –, era favorável a organizar os diferentes grupos étnicos na Bósnia em comunidades controladas, além de defender o controle rígido sobre todas as instituições, e gerar guerra midiática contra outras comunidades. Seja como for, não cabe neste momento questionar se Joe Sacco estava correto ou não em suas avaliações. O nosso propósito neste momento é situá-lo no contexto da época.

¹¹ A Guerra da Bósnia começou oficialmente no dia 6 de abril de 1992 e foi até o dia 12 de outubro de 1995. O cessar-fogo acontece depois que as forças da OTAN (majoritariamente o exército estadunidense) passam do dia 29 de agosto a 14 de setembro bombardeando massivamente as forças nacionalistas sérvias. De acordo com Mary Kaldor (2001, p. 66) ataques aéreos jogaram mais de mil bombas em 17 dias contra as forças sérvias. Joe Sacco, portanto, acompanhou os dias derradeiros do conflito, o cessar-fogo, e testemunhou o período que envolveu as Negociações de Dayton.

¹² Trabalho nesta dissertação com duas edições de *Área de segurança Gorazde*: a edição brasileira de 2005, com tradução de Sérgio Augusto Miranda, e a edição especial em inglês de 2011. Infelizmente, na edição nacional, as páginas anteriores ao início da reportagem em quadrinhos, onde está a introdução escrita por Christopher Hitchens, não recebem numeração: erro que não acontece na versão especial americana. Por isso que as referências das páginas dizem respeito à edição especial em inglês, mas a tradução usada é a de Sérgio Augusto Miranda, da edição nacional.

A cena mostra a imagem de uma rua levemente em declínio e curva, em que garotos jogam futebol observados por um pequeno cão sem uma pata no primeiro plano no lado direito e trabalhadores cortam lenha no lado esquerdo. As pessoas passam na rua vivendo sua própria rotina entre construções muito danificadas, com sinais de balas, estilhaços e fogo. Então Sacco narra em caixas de texto: “Por quê? Porque vocês estão aqui... Sem ser violados ou espalhados... Sem estar emaranhados entre milhares de corpos num poço. Porque Gorazde sobreviveu e... como?” (Sacco, 2011, p. 14 e 15)

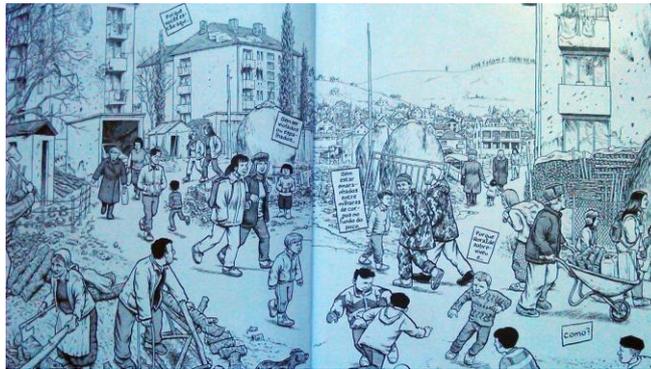


Figura 2 – SACCO, 2011, p. 14 e 14

A cidade de Gorazde tornou-se o assunto da principal obra que Joe Sacco produziu a respeito da Guerra da Bósnia. Foi movido pela curiosidade e, depois, pelo encantamento não apenas porque aquelas pessoas sobreviveram, como tentavam estabelecer uma normalidade entre escombros e crateras. Esse encantamento o fez valorizar e escolher as pessoas que encontrou na cidade como principais personagens da reportagem.

Encantamento também foi o que levou Sacco a fazer do ex-mercenário e *fixer*¹³ Neven o principal personagem em *Uma história de Sarajevo*. Neven foi a primeira pessoa que entrou em contato com Sacco no hotel Holiday Inn em Sarajevo, e logo se mostrou disponível a acompanhar o jornalista pela cidade. No livro em questão, Joe Sacco ao observar Neven jogando sinuca, confessa que a relação que ele a relação entre eles ia além da dinâmica repórter e *fixer* – no caso de Neven, um *fixer* espertalhão disposto a sugar até o último centavo. “Porque Neven foi o primeiro amigo que eu fiz em Sarajevo. Ele me colocou sob suas asas do jeito dele. Além disso, percorreu uma das escuras estradas da guerra, e eu não vou largar do pé dele até saber tudo a respeito.” (Sacco, 2005a, p. 21)

¹³*Fixer* diz respeito à pessoa paga pelo jornalista para lhe servir, sobretudo, de guia e tradutor em um determinado país. *Fixers* são, em geral, pessoas locais que possuem articulação e conhecimento a ponto de conseguirem fontes para entrevistas, facilitar contatos, contribuir com a logística, etc.

Em geral, pessoas que tiveram relação próxima a Joe Sacco de alguma maneira terminaram por se tornarem objetos centrais das reportagens que produziu na Bósnia. Nas duas histórias que compõe *War's End*, Joe Sacco levou uma vida social com Soba, o artista que se transformou em soldado: vivenciaram a noite em Sarajevo juntos, caminhavam pela cidade tomando sorvete, etc. Na segunda história que compõe o livro, 'Christmas with Karadzic', Joe Sacco acompanha dois correspondentes de guerra Kasey e Jack na busca por uma entrevista com o presidente sérvio-bósnio Radovan Karadzic. Kasey é o personagem principal não apenas por liderar o trio, mas também porque Joe Sacco sugere que o conhecia bem.

Os motivos revelados por Joe Sacco dentro dos livros que constituem sua obra são atração e vício pela guerra, inconformidade pela postura da imprensa majoritária, simpatia por um dos lados (bósnios e mulçumanos), relação de amizade com aqueles que se tornaram mais próximos – e se transformaram em personagens centrais. As evidências encontradas nesta pesquisa mostram que a informação do público não é a principal razão para a ida de Joe Sacco à Bósnia. As evidências apontam que as maiores motivações dele foram mostrar um ângulo diferente da guerra do que o feito pelos colegas que estavam a serviço das grandes empresas de comunicação – e desmentir ou apontar seus equívocos –, contar a história dos amigos que lá fez ou encontrou, satisfazer o vício em ver os efeitos da guerra – uma vez que ele nunca esteve no *front*, no auge do calor dos fatos, mas sim no final da história para registrar os estragos já feitos. A informação do público parece ser vista como a consequência do trabalho, não a razão primordial.

Joe Sacco realmente tenta estabelecer o compromisso com a verdade que passa diante dos próprios olhos. Sua fidelidade, no entanto, parece estar mais voltada aos amigos que transformou em personagens do que com o público a ser informado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerado um profissional influente e responsável pelo desenvolvimento do chamado jornalismo em quadrinhos, Joe Sacco fez da reportagem de guerra uma oportunidade para dar voz a quem não tinha lugar dentro da mídia majoritária. Conforme observado nas três publicações que compõe o conjunto de reportagens sobre a Guerra da Bósnia – *Área de Segurança Gorazde*, *Uma História de Sarajevo* e *War's End*, além de

Derrotista –, que serviram como *corpus* desta pesquisa, pode observar as motivações que levaram o jornalista naturalizado norte-americano a ir ao *front* registrar o fim do conflito.

Como aporte teórico, usei principalmente a influente obra *The Elements of Journalism*, de Bill Kovach e Tom Rosenstiel. Esses autores defendem que a revelação dos motivos que levam o jornalista a realizar determinada reportagem faz parte da transparência que permite o leitor fazer melhor juízo daquela produção.

Joe Sacco demonstrou nas colocações presentes em prefácios, e dentro da narrativa da reportagem, que procura seguir a primeira obrigação do jornalismo: a verdade perseguida por meio de um cuidadoso trabalho de apuração. Mas essa busca veio da insatisfação que Sacco sentia a respeito do trabalho dos seus companheiros de profissão que atuavam nos grandes órgãos de imprensa. As evidências encontradas no corpus da pesquisa apontaram também que a primeira lealdade de Sacco termina por ser com as próprias fontes, que se transformaram em personagens principais das reportagens. Mostraram também o tremendo apego do jornalista por quem o acolheu nas cidades de Gorazde e Sarajevo, parte hoje da Bósnia e Herzegovina. As obras sinalizam, assim, transparência nas intenções de Joe Sacco, mesmo que essas mesmas motivações sejam passíveis de críticas.

Sendo assim, acredito que os resultados obtidos com a análise dessas obras abrem margem para estudos mais aprofundados sobre transparências e valores que levam a prática do bom jornalismo, como honestidade, humildade, transparência a respeito de motivações e métodos empregados.

REFERÊNCIAS

HAMMOND, P. **Humanizing war**: the Balkans and beyond. In ALLAN, S. ZELIZER, B. (org) Reporting war: journalism in wartime. New York: Routledge, 2004.

HITCHENS, C. **Introduction**. In: SACCO, J. Safe area Gorazde: the special edition. New York: Fantagraphics, 2011.

KALDOR, M. **New and old wars**: organized violence in a global era. California: Stanford University Press, 2001.

KELLNER, D. **Media Culture**: cultura studies, identity and politics between the modern and the postmodern. New York: Routledge, 2000.

KOVACH, B. ROSENSTIEL, T. **The elements of journalism**: what newspeople should know and the public should expect. New York: Three Rivers Press, 2014.

SACCO, J. **Uma história de Sarajevo**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005a.

_____ **War's end:** profiles from Bosnia 1995-96. Canada: Drawn and Quarterly, 2005b.

_____ **Derrotista.** São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.

_____ **Safe area Gorazde:** the special edition. New York: Fantagraphics, 2011.